

# Uma leitura da sátira como crítica social em Viagens de Gulliver

p. 93 - 105

Kelly Cristina Rissá  
Eunice Pereira Guimarães

## Resumo

Reconhecendo a importância do conhecimento dos clássicos para a formação pessoal, bem como para compreensão da língua e da cultura estudada, para o professor de língua inglesa, o retorno a esses clássicos se torna um subsídio interessante para uso em sala de aula. Assim este trabalho busca desenvolver uma leitura crítica da obra Viagens de Gulliver de Jonathan Swift, dispensando uma maior atenção na crítica social apresentada por meio da sátira, buscando se estabelecer como referência de leitura para futuros professores de língua inglesa. Para tanto serão utilizados os seguintes autores: Pasold (1999), Priestley e Spear (1931), Craz (1967), Sampson (1970), Swift (1965). Em vários momentos da obra de Swift percebe-se a sátira como crítica social, assim são destacados em cada uma das quatro partes do texto onde e como isso acontece. Ao fim da análise percebe-se que a sátira e a crítica promovidas pelo autor inglês transcendem seu tempo, permitindo uma reflexão sobre diversos aspectos da sociedade atual. Assim fica a proposta de trabalhar esse clássico em sala de aula de língua estrangeira como uma experiência cultural de leitura e reflexão dos aspectos referentes à língua e ao seu povo falante.

**Palavras-chave:** abordagem de gênero; sátira; crítica social; Jonathan Swift; Viagens de Gulliver.

## Abstract

The English classics are interesting resources to use in the language classroom, considering their importance to personal formation, as well as to the understanding of the target language and culture. Thus, aiming at being a referential work for future teachers of English, this is a critical reading of Jonathan Swift's Gulliver's Travels. The focus of this study is on the social critique that Swift creates through satire. It is possible to notice that the English writer constructs a critique that crosses temporal boundaries and allows us to think about many aspects of current societies. Thus, the purpose of this study is to work with the classic work by Swift as a cultural experience of reading, and reflect on aspects of a language and its speakers.

**Keywords:** gender approach; satire; social criticism; Jonathan Swift; Gulliver's Travels.

## Introdução

Reconhecendo a importância da literatura para identidade de um povo e uma língua. E

tomando livremente o exemplo de Danti Alighieri e a formação do latim clássico na unificação da Itália para ilustração da força desta arte. Afirmamos a importância do estudo dos textos literários de

1 Graduada em Letras Inglês e Literatura de Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: kellyriss@yahoo.com.br

2 Especialista em EFL TEACHING APPROACHES pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Guarapuava. Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: epguimaraes@gmail.com

tradição inglesa para formação de professores de língua inglesa, bem como a apresentação destas obras aos alunos para identificação do uso desta língua. Assim, revela-se a importância de estudos que busquem analisar a cultura e os elementos circunscritos em uma obra literária para a formação do futuro professor e para os cidadãos em formação.

Os clássicos literários são citados como leitura obrigatória para alunos de nível superior. Porém cada uma dessas obras traz muito mais que apenas uma história com personagens fictícios ou não. Elas revelam valores, costumes e crenças de uma época, de um povo e claro de seu autor.

Pensando neste sentido, revelou-se a obra de Jonathan Swift, que além de trazer esses aspectos, apresenta uma característica diferenciadora que a identifica com sua época e seu autor: a sátira social. Vários autores se propõem conhecer um pouco mais sobre a crítica de Swift à sociedade da sua época. Bernadete Pasold (1999) analisa a crítica feita por meio da sátira utilizada como recurso discursivo no texto do autor irlandês. Priestley e Spear (1931), Thornley (1971) e Albert Graz (1967) também analisam a obra *Gulliver's Travel*. E o livro *The concise Cambridge history of English Literatura*, apresenta um contexto detalhado da obra.

Considerando estes estudos anteriores, o presente trabalho busca desenvolver uma leitura detalhada da obra *Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift, evidenciando sua forte crítica social desenvolvida por meio da sátira. Aspecto marcante na obra do autor e que pode se tornar instrumento de leitura de mundo na vida dos alunos.

Assim, a leitura para identificação e análise da Sátira como crítica social na obra, revela-se como objetivo geral deste trabalho, procurando modular essa leitura para sua uma utilização da mesma em sala de aula.

Para alcançar este objetivo será feita uma contextualização da obra segundo seu espaço-tempo, bem como a sociedade a que se refere e de onde partiu, para então relacionar o livro *Viagens de Gulliver* com a tradição literária inglesa, identificando seu período literário e suas características.

Após estas localizações e as leituras das pesquisas realizadas sobre a crítica e a sátira social nesta obra, buscaremos identificar a sátira como um recurso para elaboração dessa mesma crítica social durante toda a obra; para assim, pretensamente, chegar a uma análise literária da obra que evidencia partes da cultura e do contexto social para, possivelmente, se estabelecer como material a ser levado para sala de aula, dando assim subsídios para que os alunos conheçam a língua conjuntamente como sua cultura e literatura. Partindo de uma visão, onde a língua não se estabelece separadamente de seu povo falante e seu contexto de utilização.

É importante conhecer a produção cultural do seu país, mas na era da globalização as influências interculturais estão cada vez mais presentes no cotidiano. E pensando historicamente, o povo brasileiro sofreu (e ainda sofre) grandes influências de outras culturas, línguas, usos e costumes. Assim, se torna necessário que os alunos desde cedo tenham contado com diferentes culturas. Este contato pode acontecer durante as aulas de língua estrangeira moderna. Uma vez, que na formação dos professores eles tem contado com a literatura do idioma estudado.

A literatura está intimamente ligada à formação e reformas de uma língua. Esta pode ser considerada uma das formas de união e identificação de um povo. É a expressão mais clara do uso de uma língua, daí a importância do estudo literário acompanhar o estudo lingüístico. Apresentar a língua acompanhada de sua carga cultural pode contribuir para formação de leitores

mais completos, com mais subsídios para seu desenvolvimento intelectual.

Logo, a leitura de textos e clássicos literários na graduação é um requisito básico para uma boa formação. Porém esses mesmos clássicos são deixados de lado durante a formação básica, uma evidência disto é a ausência de uma disciplina que contemple os clássicos universais no currículo, sendo estudada apenas a literatura brasileira.

Assim, este trabalho se torna relevante quando um de seus objetivos é se tornar material de consulta para futuras experiências em sala de aula e possível ponto de partida para pesquisas futuras.

O trabalho se apresenta com uma conceituação dos elementos analisados, seguido de uma contextualização da obra de Jhonatan Swift e a análise da obra *Viagens de Gulliver*. Tendo a pretensão de se tornar referência para professores que se interessarem em utilizar esse artigo em proveito de suas aulas para elevar o aprimoramento de seus educandos.

## Conceito de sátira

Ao olhar ‘sátira’ nos dicionários em muitos verbetes a definição é de texto crítico com linguagem picante e jocoso ou que faz uso do humor. (Michaelis Moderno Dicionário da língua portuguesa, p. 1900). A explicação para o termo nos dicionários de língua inglesa também não se distancia muito: “A way of criticizing a person, an idea or an institution in which you use humour to show their faults or weaknesses.” (Oxford advanced learner’s dictionary, p. 1346)<sup>3</sup>.

Pasold, em *Utopia x Satire in English Literature*, faz uso da definição de Dr. John

Reagan para sátira: “any literary form which has as its main purpose to attack a problem, situation, or people in order to change the reader’s perception of the reality that surrounds him”<sup>4</sup>. (PASOLD, 1999, p. 48). Neste sentido a sátira seria um ataque a algo que o autor não concorda ou não aceita, com o intuito de chamar a atenção, provocando uma reflexão e uma mudança.

Tomando esse objetivo do texto com o recurso da sátira, o texto busca a catarse aristotélica, procurando estabelecer uma mudança no leitor por meio do texto lido. A catarse definida por Aristóteles seria a propriedade do texto (ou drama originalmente) em provocar uma mudança no leitor, uma forma de educar e conscientizar sobre determinados assuntos da sociedade ou do convívio social. (COSTA, 1992). O texto que busca na sátira uma forma de alcançar essa reflexão no leitor está se propondo a promover essa catarse. Mas o que caracteriza a sátira?

De acordo com Frye (apud Pasold, 1999, p. 48) a essência da sátira é o humor fundamentado na fantasia ou no absurdo. O autor monta um mundo fantástico, com personagens caricaturais que tomam atitudes ou possuem expressões parecidas com a realidade que deseja atacar. Assim, a primeira vista o texto parece não ter relação com nada real, porém durante a leitura as comparações vão se revelando e por meio do humor e, por vezes, da ridicularização, o ataque às pessoas, costumes ou instituições vai se concretizando.

Outro ponto central da sátira ou do autor satírico é o pessimismo. “This pessimism is reflected in absence of plot, in the sense that there is no real change.”<sup>5</sup> (PASOLD, 1999, p. 48). O autor toma como destino, como acabada a situação ou pessoas a quem ataca, sem esperança de mudança,

3 “Uma forma de criticar uma pessoa, uma idéia ou uma instituição em que se emprega o humor para mostrar suas falhas ou fraquezas”. (tradução nossa)

4 “Uma forma literária que tem como propósito principal atacar um problema, uma situação ou uma pessoa buscando mudar as perspectivas dos leitores sobre a realidade que os cerca.” (tradução nossa)

5 “o pessimismo é refletido na ausência de enredo, no sentido de que não tem uma real mudança.” (tradução nossa)

o texto apenas reflete fatos, ‘a pessoa/ a realidade é assim.’ Usando essa sentença acabada, a crítica se torna mais convincente e provocativa, uma vez que desafia o leitor a provar o contrário que está ali descrito.

O pessimismo também é revelado no desaparecimento do herói. O herói clássico que representa um povo e luta pela liberdade sobre um silenciamento ou desaparece durante uma obra satírica. Nas obras que apresentam um personagem principal, este não reflete seu povo, em alguns casos esse personagem principal é justamente a pessoa ridicularizada ou atacada, assim não representa exatamente o herói da obra. Outra característica da imagem do herói é a idealização do ser perfeito, sendo a obra pessimista, não se permite essa idealização impedindo a composição de um herói nos termos clássicos (KOTHE, 1985).

As personagens encontradas em uma sátira são caricaturas com pouca profundidade psicológica. Não há uma preocupação com a descrição ou composição detalhada de uma personagem, esta fala por si só, por seus atos. Não existem personagens reais, no sentido de não haver uma construção mimética de pessoas para compor o texto. Os personagens são rasos, sem passado e sem profundidade no que diz respeito a sua composição no texto, mas também são cheios de simbolismos e posições simbolicamente construídas (PASOLD, 1999). Assim essa supressão de características na composição permite que o leitor não se detenha no personagem, mas na crítica; e o que falta para o personagem e completado pela experiência do leitor, deixando o texto mais pessoal e passível a reflexões.

Pasold (1999) também cita a lista de

qualidade da sátira que foi elaborada por Kernan. A primeira seria o retrato do grotesco e distorcido, a sátira usa o absurdo o grotesco para compor um cenário que realmente cause estranhamento, para remover o leitor do estado de repouso. Outro ponto que caracteriza a sátira é que o personagem que move o ataque deve aparecer com uma moral totalmente oposta ao mundo que condena, isso em todos os sentidos, ou seja, se os condenados são maus e gordos, quem ataca deve ser bom e magro. Suas intenções devem ser exatamente opostas aos outros, sem questionamentos sobre certo ou errado, o atacante deve estar certo de suas crenças e ser capaz de distingui-las dos atacados.

A sátira, mesmo em meio aos absurdos e exageros, busca referências reais para sua composição. Um autor satírico vai incluir lugares, anos, costumes e até mesmo nomes reais em seu texto para estabelecer uma relação clara com o que é atacado. Assim, não restam dúvidas quanto à natureza do texto. O texto satírico tem abrangência circular, ele começa com ataques locais e termina questionando uma instituição ou época toda. (ROBERT C. ELLIOT apud PASOLD, 1999, p 49). Assim, as referências reais são uma forma de começar o ataque, porém ao final na leitura e reflexão o leitor é levado a refletir sobre toda instituição a que aquela referência faz parte.

Another quality of satire is *bathos*, “the effect resulting from an unsuccessful effort to achieve dignity or *pathos* or elevation of style, an anticlimax, dropping from the sublime to the ridiculous. (PASOLD, 1999, p.49)<sup>6</sup>

O *bathos* descreve uma ação que busca por uma elevação da dignidade ou de paixão, porém não tem sucesso no seu intento. A sátira é um exemplo de *bathos*, os textos satíricos normalmente são recheados de ações que buscam uma melhora

---

6 “Outra qualidade da sátira é o bathos, ‘o efeito que resulta de um esforço sem sucesso de conseguir dignidade ou pathos ou elevar o estilo, um anticlímax, recaindo em uma situação ridícula.” (tradução nossa)

nas condições adversas apresentadas, porém os personagens não têm sucesso nessa busca. Provocando uma espécie de anticlímax, fazendo-os cair novamente no ridículo.

Os satíricos fazem uso de diversas ferramentas retóricas, entre elas estão: a ironia, a justaposição, a alusão, a alegoria, o burlesco e a paródia. A ironia pode ser situacional ou inversa; na situacional o leitor vê o personagem em uma posição em que ele não deveria estar, com características contrárias ao que exige a sua posição, ou com humor diferente ao que a situação pede; ou seja, personagem feliz perto de uma catástrofe. Na ironia inversa é invertido os comentários do satírico, o elogio se torna recriminação e uma situação passível de elogios é respondida com uma crítica.

A justaposição é a apresentação de duas situações com dois personagens diferentes em um mesmo contexto para que o leitor estabeleça comparações e possa perceber suas diferenças e similaridades. Já a alusão é um termo que retoma um conhecimento prévio de leitor para que as comparações e reflexões sejam estabelecidas.

A alegoria é uma forma de narrativa que usa do cenário fantástico para levar o leitor a refletir sobre diversas situações e procurar por sentido escondidos na obra. Quando o autor de sátira compõe uma alegoria ele busca evidenciar o simbólico, fazer com que o leitor estabeleça relações que não explicitamente ditas no texto e assim tire suas próprias conclusões. Um texto alegórico permite várias leituras, reflexões e interpretações dependendo do leitor e do contexto de leitura, diferente da 'alusão' que se refere a um fato conhecido do senso comum.

Burlesco é o texto que faz uso de uma forma conhecida, mas que se distancia do modelo na escolha do tema, na composição dos personagens e/ou no encaminhamento da história. Ou seja, usar a forma do texto épico para contar um fato trivial.

Um exemplo de obra burlesca é *Dom Quixote* que usa o formato do romance cavaleresco, mas possui personagens que não condiz com a forma e uma história que se distancia em muitos pontos das obras desta categoria. A paródia é uma forma de burlesco aplicado a um autor específico, é empregado outro sentido ou outros personagens em uma obra de outro autor para modificar os significados da obra e/ou do autor.

## A crítica social

A crítica social se faz presente em vários momentos durante a história literária inglesa. Aspectos da sociedade abordados durante textos literários buscando uma reflexão sobre essa sociedade é uma constante na tradição da escrita inglesa. Assim em Swift esse aspecto não poderia ser deixado de fora.

Nos textos literários a crítica literária é representada de diversas maneiras, por meio da caracterização dos personagens, dos temas escolhidos, da composição do cenário. Mesmo uma obra que não tem essa crítica como objetivo principal pode promover uma reflexão ao apresentar certos aspectos, por exemplo, compondo personagens da nobreza, ao descrevê-los pode levar o leitor a pensar sobre essa classe social e seus costumes. Da mesma forma pode acontecer com a composição do espaço/tempo e o desenvolvimento da trama.

Neste trabalho o enfoque recai sobre a crítica por meio da sátira. Como foi apresentado anteriormente, a sátira é um ataque a uma pessoa, idéia ou instituição (PASOLD, 1999). Assim quando este ataque se dirige a toda uma estrutura social leva a seu leitor a revisitar os costumes da época, estabelecendo assim um olhar crítico quanto à sociedade em que a obra está inserida. Porém algumas críticas sociais excedem esse limite de espaço/tempo e se tornam referencia



para provocar reflexões sobre novas leituras em diferentes épocas e lugares.

## Contexto sócio-histórico da obra e do autor

Para iniciar a análise da obra, pensando sobre os conceitos de sátira e a idéia de crítica social, é importante recuperar o contexto sócio-histórico da obra; para melhor compreender as referências e alusões do autor durante sua narrativa.

A obra foi escrita durante o processo de formação política da Grã-Bretanha, que passou a compreender os países: Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda. O autor, sendo natural da Irlanda, tinha uma visão de dominados perante os dominadores ingleses. Além das disputas internas, haviam as lutas comuns a vários reinos, a disputa entre poder papal e poder real. A Inglaterra, sendo uma ilha e estando distante do centro da igreja católica, instituiu uma religião própria ligada ao rei e sua corte.

Nesta mudança de valores religiosos houve grande repressão aos católicos e todo aquele que se negava a seguir a religião do rei. Essas pessoas eram impedidas de seguir vida pública, política, não podiam trabalhar para a corte e tinham uma cota de bem e riquezas que poderiam ter, o que excedia essa cota era confiscado pela coroa. A Irlanda era o país com maior número de católicos foi o que mais sofreu sanções econômicas.

Com o veto à exportação de gado para o reino em 1666, os irlandeses começaram a criar carneiros, em 1669 o comércio de gado foi proibido para os mercados amigos da coroa inglesa (case todos os principais portos da época), causando o êxodo a milhares de produtores rurais.

Após anos de disputas pela coroa, passando por uma guerra civil onde o puritanismo saiu vitorioso, atos para assegurar a permanência do poder para uma família; a perseguição a inimigos

políticos e religiosos ainda é uma prática comum. Nesse cenário surgiram dois grupos políticos que acabaram dividindo toda a população. Eram os *Tories*: deram origem ao Partido Conservador; que defendiam o Rei, e os privilégios da Igreja Anglicana; e os *Whigs*: deram origem ao Partido Liberal, setores da aristocracia e comércio de Londres defendendo uma política de maior tolerância religiosa.

Durante o período mais grave dessas disputas, Jonathan Swift se aproximava de seus 20 anos e cursava, em Dublin, o Trinity College, estão presente neste ambiente universitário saturado das lutas políticas e religiosas. Com a Revolução Gloriosa, a dinastia protestante da casa de Hannover voltou ao trono, levando ao poder o partido dos Whigs. Nesse momento, Swift vai para Londres e ingressa definitivamente nas lutas políticas. Ele escreve várias sátiras em defesa dos Tories, partido a que fazia parte, e se torna um dos homens mais influentes da época.

Anos depois Swift foi nomeado Deão de St. Patrick, em Dublin. Mas mesmo ligado a igreja anglicana, o autor não se furtou de defender a Irlanda, que era obrigada a viver em extrema miséria. Deste período de opressão que datam as principais obras de Swift. As sátiras em defesa do povo irlandês se sucediam cada vez mais severas, até chegar a *Modesta proposta para evitar que os filhos dos irlandeses pobres sobrecarreguem os pais ao a nação e para torná-los benefício público* (1729), onde a autor propõe que as famílias engordem seus filhos e os comam em refeições bem servidas de carne, assim se resolveria o problema da fome e do excesso de crianças católicas. Outros textos de crítica continuaram circulando até a sua morte.

## Uma leitura de Swift em Viagens de Gulliver

Gulliver's Travels, ou Viagens de Gulliver

como foi traduzido, ficou conhecido como a obra prima de Jonathan Swift. O apanhado de história das viagens do médico Lemuel Gulliver, com o tempo, alcançou status de cânone da literatura inglesa e se tornou leitura obrigatória em cursos de literatura inglesa.

O livro foi primeiramente publicado anonimamente com o propósito de parecer realmente um relato de viagem. O capítulo de abertura contribui para essa ilusão trazendo uma dedicatória e detalhes da vida de Gulliver e suas experiências passadas. O livro é todo narrado em primeira pessoa, sendo o personagem principal este narrador. Assim o personagem vai montando toda a trama com relato de fatos e de suas impressões desses fatos. Priestley e Spear (1931), em seu livro *Adventures in English literature* afirmam que “the narrative moves with such directness and simplicity and with such careful attention to mathematical proportions that it becomes almost plausible in its absurdity”.<sup>7</sup> (p.48) E ainda pode-se acrescentar a evolução temporal a essa composição que torna a obra ‘plausível’. O personagem-narrador se preocupa em dar referências temporais e noções espaciais em cada uma de suas ‘viagens’, detalhando o tempo gasto em cada parada e em cada estada em auto mar.

Olhando para a sátira como forma de ataque ou crítica social, o próprio autor é referência neste campo, sendo este livro sua obra-prima, a obra se tornou um grande exemplo de como compor uma sátira. Para Priestley e Spear (1931) “the satire in this adventure becomes more evident in Chapter III, which follows, where the pretensions of English politicians and the royal court are made ridiculous by reduction to tiny scale” (p.48)<sup>8</sup>

Neste capítulo citado, Gulliver está visitando

Lilliput e descreve os costumes deste povo para se divertir e a organização da corte deste reino. Durante essa descrição Swift faz lembrar algumas disputas travadas na corte de sua época; por exemplo, a organização da corte do Reino Unido, que se mostrava totalmente arbitrária, com justificativas pouco convincentes. Ao colocar os critérios do rei de Lilliput (a altura do salto do candidato e a classificação pelas cores) na escolha dos seus servos e companheiros mais íntimos até o de menor importância, o autor busca uma reflexão sobre a organização social e os critérios que a define; colocando em ‘cheque’ a corte de seu tempo, que para o autor possuía critérios duvidosos na escolha de seus participantes

Nessa viagem do nosso interlocutor percebemos a construção de uma ironia de situação: Gulliver, sendo muito maior que os habitantes de Lilliput, foi preso por eles e ficou sobre as ordens de um rei e uma corte que poderia ser morta com um passo do narrador-personagem.

Ainda na viagem Lilliput, Swift faz menção a problemas sobre as crenças do povo e a política da época. A política do país dos pequenos é organizada em dois partidos: tacos altos e tacos baixos, que lutam pelo poder e se revezam na cora há anos. Essa organização em muito lembra a política inglesa da época, que também se dividia em dois partidos em luta pela liderança da nação. No livro, a preocupação dos políticos que estão no poder é com o número de pessoas no partido rival e em como impedir seu avanço ou sua atuação, não é feito debate de idéias entre os grupos; e o morador do país que relata essa situação não define as idéias dos dois partidos, apenas diz que são contrários. Assim, Swift nos leva a pensar sobre a

---

7 “A narrativa se move com tanta objetividade e simplicidade e com tanta atenção cuidadosa as proporções matemáticas que fica quase plausível em seu absurdo” (tradução nossa)

8 “A sátira nessa aventura se torna mais evidente no terceiro capítulo, no qual se observa, que as pretensões dos políticos ingleses e da corte real parecem ridículas com a redução em pequena escala” (tradução nossa)

contrariedade dos grupos políticos, em que ponto eles divergem, se há realmente uma diferença de idéias ou apenas uma disputa de poder, disputa de controle, etc.

Quanto às crenças, outra grande disputa em Lilliput é sobre a melhor forma de quebrar um ovo. Depois de um acidente sofrido com o imperador, enquanto ainda era príncipe, provocou um decreto dizendo que os ovos deveriam ser quebrados pela extremidade mais delgada, isso causou grande revolta na população. O interlocutor de Gulliver aponta que “onze mil homens, em diversas épocas, preferiram morrer a submeter-se ao decreto (...)” (SWIFT, 1965, p. 42). E até mesmo o livro sagrado desse povo faz colocações sobre o assunto. Com essa passagem o autor ataca claramente a disputa religiosa que o Reino Unido era palco. A imposição da religião do rei e sua corte a todo reino e o desencorajamento a religião católica na Irlanda são pontos importantes na sociedade da época, assim Swift reduz essa disputa a um tema cotidiano, buscando refletir sobre o real valor das crenças particulares na vida em sociedade.

Entre as características que definem a sátira, percebemos a presença do humor para formação da crítica, sendo esse humor fundamentado na fantasia e em alguns momentos no absurdo. Nesta viagem até o nome que é atribuído a Gulliver causa o estranhamento necessário para o humor, os habitantes de Lilliput o chamam de Homem Montanha. Outro momento de humor que se apóia no absurdo e tem elementos do grotesco é quando o ‘Homem Montanha’ é chamada para ajudar a rainha em seu castelo em chamas, e sem outras idéias urina no fogo para apagá-lo. Como um herói ele salva a rainha, mas a rainha não fica agradecida e sim horrorizada pelo ato do gigante, o impede de entrar no castelo. Toda a construção da cena é cômica, os fatos, os cenários, as reações. Essa situação ataca a aristocracia e monarquia

inglesa, com seus valores e pudores. A rainha preferia morrer queimada a ter seus aposentos molhados pela urina de um súdito, revela falsos valores sobre honra e vida. Também mostra a simplicidade do povo perante as etiquetas da aristocracia. E também lembra a ingratidão, ou pouco reconhecimento por parte das autoridades quanto as feitos dos súditos. Semanas antes Gulliver tinha capturado toda a marinha do reino inimigo para o rei, porém, depois do acidente no castelo, Gulliver volta a ser prisioneiro sem estima do rei.

O pessimismo também se faz presente nessa primeira parte do livro. Gulliver, depois de ser condenado pelo que faz ao castelo, resolve fugir da ilha em busca da sua terra natal, percebendo que este reino não tem perspectivas de mudanças. O rei e sua corte são fixos em suas convicções sem abertura para outras visões. Isso também fica explícito quanto buscam uma explicação para um homem tão grande e chegam à conclusão que ele caiu da lua, não admitindo que existissem terras com seres tão grandes. Mesmo diante do fato não mudam suas teorias e afirmações.

Em sua segunda viagem, a visita ao país dos gigantes, os papéis são invertidos, agora o personagem-narrador se torna o menor homem do reino. A principal característica desse povo é a simplicidade, tanto na fala, na escrita, quanto na organização da sociedade. A corte e a política ali estavam para regulamentar e manter a ordem das coisas, “esses povos não tinham ainda reduzido a política a uma arte, como os nossos sublimes espíritos da Europa” (SWIFT, 1965, p. 141). Usando da ironia, neste ponto Swift faz uma crítica clara a toda política da Europa, colocando a política com um fim em si mesma, e não mais com o objetivo pelo qual foi criada, organizar a sociedade. O rei de Brobdingnag não compreende o que seriam os segredos de estado que o visitante tanto fala, para ele a política é feita com o senso e



o conhecimento de todos. Quanto à importância dos políticos, o rei declara que um lavrador que consegue aumentar sua produção vale mais que qualquer político, mesmo os que tinham sido descritos por Gulliver. (p.140)

A ironia de situação aparece no próprio tema da história, Gulliver passa de gigante a pigmeu em algumas páginas, se tornando uma espécie de animal de estimação para os habitantes deste país. Outro momento irônico é quando o personagem deixa a ilha e chama os homens do seu tamanho de pigmeus levando um tempo para se acostumar que agora todos são assim novamente. Neste momento percebe-se outra crítica, o autor por meio da ligação dessas duas viagens mostra que não há um valor absoluto, os valores são atribuídos em comparação a outros fatos, crenças e hierarquias. Assim o alto pode ser baixo em outro contexto.

Neste reino a medicina, a cirurgia e a farmácia eram muito valorizadas, assim era possível ver vários avanços no campo da saúde, nas cidades havia vários lugares que cuidavam desses afazeres. Com essa descrição o autor faz alusão a pouca preocupação com saúde presente na Europa, onde a medicina ainda começava e os tratamentos ainda eram feitos por meio da fé e de crenças. Mais uma vez faz alusão à força da religião e das crenças na sociedade britânica, sempre colocando os pontos negativos da religião. Pensando que nesta época era vedado o uso de cadáveres no estudo da anatomia, e havia várias restrições sobre a prática da medicina.

Outro ponto importante sobre esse país é a organização militar. O país não estava em disputa com nenhuma outra nação, servindo-se apenas de um exército formado de cento e seis mil homens, sendo a maioria negociantes e lavradores, sem um ofício específico para os militares ou uma classe regulamentada para eles. Fazendo o rei uso de apenas alguns servos para

sua segurança pessoal. A pouca importância dada à formação militar em contrapartida com o bom andamento do reino e do cumprimento das leis mais uma vez revela aspectos da sociedade inglesa. No Reino Unido, havia a guarda real e toda uma classe regulamentada de militares treinados e uma formação de marinha de guerra. Porém, os gigantes mostram que com a elaboração de leis claras, sem muitas interpretações e costumes solidificados é possível manter a ordem sem uso de forma militar.

Outro ponto dessa sociedade que se torna relevante é quanto à busca das explicações. Quando o pequeno viajante vai para corte, vários filósofos se põem a estudá-lo buscando uma explicação por meio da ciência e da lógica para o que seria essa 'criatura' tão pequena. Chegaram à conclusão que era uma outra espécie de homem. Durante toda a deliberação sobre o assunto não foi levantada a hipótese de causa oculta ou elemento mágico ou divino atribuído a existência de Gulliver. Mais uma vez Swift busca a valorização da ciência em detrimento ao poder religioso. O que, de certa forma, se contradizia com sua vida, sendo o autor funcionário da igreja.

O absurdo nesta história se apresenta pela situação do nosso interlocutor, que se um pequenino em meio a gigantes, onde tudo pode ser perigoso para tão pequena criatura. Esse absurdo leva ao humor nas condições precárias de acomodação para o viajante e nas ocupações dele, promovendo o divertimento, primeiro em feiras e depois na corte. O pigmeu é o bobo da corte no país.

E mais uma vez o narrador-personagem deixa o país com um tom de pessimismo. Não teve sucesso ao explicar ao rei sobre a política e as guerras na Europa e não conseguiu entender as tradições dos habitantes de Brobdingnag. Ao leitor, o governo desse país parece melhor que os da Europa, porém a população parece menos

politicizada e culta, revelando os principais defeitos dos homens: a inveja, luxúria, ganância entre outros. Pasold (1999) afirma que a sátira nesta passagem acontece em dobro: “Gulliver, when he criticizes the Brobdingnagians; on the other hand, the king of Brobdingnag, who criticizes the English.” (p. 72)

A terceira parte do livro cuida de narrar a visita a vários lugares, entre eles a visita a ilha de Lapúcia, a terra dos sábios, uma ilha flutuante que fica acima do continente de Balnibarbo. Toda essa viagem é cheia de simbolismos, alusões e ironias quanto ao excesso de conhecimento, método e ciência. Estabelecendo um paralelo com a viagem anterior. Assim percebemos que o autor busca atacar os extremos e não o objeto, ou seja, o excesso de religião traz problemas, mas o outro extremo também não é ideal.

As alusões começam na própria natureza da ilha, uma ilha que voa, assim como muitas pesquisas da época que buscavam construir objetos voadores, bem como as primeiras histórias de viagens a lua ou de visitantes de lá. A ilha era composta de pessoas muito ‘inteligentes’ que se dedicavam ao ato de pensar, de formular idéias e refletir sobre elas. Porém não é possível estabelecer um diálogo com os habitantes dessa ilha, cada pensador tem um porta-voz para assuntos externos à sua mente. E mesmo sendo habitada por sábios, é um país muito pobre, sem grandes avanços científicos ou econômicos.

Ao compor os sábios de Lapúcia, Swift faz um ataque direto à valorização da razão pelo iluminismo, apontando como seriam as universidades e o grau de alienação que o mundo acadêmico poderia chegar. As pessoas da ilha eram cheias de idéias, preocupadas com o futuro da terra, mas se tornavam miseráveis. O autor satiriza cientistas e filósofos, que se preocupavam muito com a pesquisa, e quase nada com a prática.

Essa ilha, mesmo sendo um país livre, tem

uma aliança com a corte de Balnibarbo. Muitos habitantes da ilha gostam de visitar Lagado, em troca das visitas e ilha era usada como instrumento para reprimir possíveis movimentos contrários à corte. O rei desse continente era autoritário e mantinha a ordem por meio de ameaças e ações armadas, uma dessas ações era colocar a ilha sobre a terra dos revoltosos a provando de sol e chuva e a levando a miséria, ou até mesmo ordenando que a ilha se abaixasse sobre uma região provocando sua destruição completa.

Em alguns momentos dessa parte do livro, o narrador-personagem faz comparações sobre os costumes das terras visitadas e os da sua terra ou de toda a Europa. Quanto ao totalitarismo, ele reflete sobre a influencia e a posição dos reis no que diz respeito a se manter no poder, segundo o personagem eles são capazes de coisas terríveis.

Nessa viagem Gulliver também retrata a força da tradição, os moradores dessa terra não mudavam sua forma de cultivar a terra ou construir as casas, mesmo que não dê os resultados necessários. Alguns foram à ilha de Lapúcia e conheceram as ciências e a matemática, colocaram em prática seus conhecimento, porém esses habitantes eram discriminados e hostilizados por seus vizinhos por praticarem culturas e arquiteturas ‘erradas’.

Nessa terra Gulliver teve a oportunidade de conhecer a academia, e nesta descrição Swift desfere seu ataque ao estudo formal e a pesquisa. A academia da capital de Balnibarbo está cheia de pesquisas estranha, para o narrador, por vezes não procedentes e muito menos lógicas. Essa alegoria leva o leitor a refletir sobre a importância e a relevância de algumas pesquisas desenvolvidas nas academias, da lógica que rege essas pesquisas. O método já tão enraizado nos pesquisadores sobre como proceder à pesquisa impede que dividam seus avanços formando utilidades para a sociedade. A academia de Lagado é uma alusão a

Royal Society, porque na época havia uma grande crítica quanto às pesquisas ali desenvolvidas e sua aplicabilidade. Esse era o início da ciência clássica como a conhecemos hoje, começava uma divisão sobre as áreas de estudos e as pesquisas a serem desenvolvidas. Assim muitas críticas eram dirigidas a esse novo método de ser fazer ciência.

Após essa visita a Academia de Lagado, Gulliver decide deixar o país. Durante a espera de um navio até um Japão (sua rota escolhida para volta para casa), o narrador é convidado a conhecer Glubbdudrib, a ilha dos mágicos. Nessa visita conhece uma família que era servida por fantasmas. Ficou pouco tempo nessa ilha, mas pode perceber que nada é o que parece nessa terra e quanto aos fantasmas, após a morte as pessoas perdem um pouco de sua capacidade de pensar, assim mesmo fantasmas de grandes pensadores como Descartes, eram pouco ‘inteligentes’, não eram capazes nem de explicar a sua própria obra.

Nessa passagem o humor se faz presente ao ver grandes personalidades da história humana servindo a mesa e sem as capacidades que as definiam em vida. Assim o conhecimento não é eterno e Swift chama atenção à temporalidade das grandes descobertas e grandes feitos. Mesmo a obra mais inovadora vai se tornar antiga ou antiquada com o tempo. Os grandes avanços são sucedidos por outros grandes avanços que tomam seu lugar.

Saindo de Glubbdudrib, Gulliver embarca em um navio para Luggnagg, última escala até o Japão. Nessa ilha nosso interlocutor encontra os imortais, porém sua descrição é um exemplo de grotesco; ao contrário do ideal buscado pelos pesquisadores da imortalidade, essa não era uma qualidade muito desejada entre os habitantes dessa terra. Segundo o próprio narrador, a imagem de um imortal revela a necessidade da morte, essas pessoas continuavam envelhecendo, adoecendo, perdiam seus sentidos e a capacidade

de se comunicar, com as mudanças de língua e linguagem, eles acabavam isolados com uma imagem fantasmagórica.

Swift apresenta ironicamente um dos maiores desejos da humanidade, enganar a morte, viver para sempre. Desde os alquimistas a tradição científica busca alongar a vida, porém o autor toca o ponto central da questão: não querem o poder de não morrer, querem ser jovens para sempre. Assim ao descrever um imortal, como alguém incapaz de morrer e de viver como os outros e a própria imortalidade como um defeito, ele ataca a busca por desejos além das nossas capacidades. Seria preciso primeiro aceitar nossa condição humana para assim melhorar nossa sociedade.

Após deixar Luggnagg, o narrador se dirige para o Japão e de lá para a Europa.

A quarta parte do livro são os relatos da visita de Gulliver a terra dos Huyhnhnms. Uma terra governada por cavalos, onde a forma humana era representada por seres chamados yahus, estes não eram dignos de confiança e não possuíam inteligência. Os Huyhnhnms eram seres extremamente inteligentes, entendiam todas as línguas do mundo, conheciam ciências, filosofia e seu reino são descrito como um reino ou estado ideal. Não tinham doenças, guerras, maldades, fraudes e corrupção em sua história.

Essa parte contém a sátira mais ‘pesada’ de Swift, com a descrição dos yahus o autor demonstra toda a degeneração da raça humana. Fazendo uso da ironia coloca os cavalos no poder e como os governantes ideais, logo os animais mais domesticados e mais encontrados nas cidades da época. Era o principal meio de transporte, esses animais não são muito prezados pela sua inteligência e sim pela sua força. Porém Swift descreve os Huyhnhnms como seres realmente superiores; sua língua, para Gulliver, parece o mesmo relincho dos cavalos europeus, mas depois de aprender um pouco sobre o idioma percebe

que é uma língua riquíssima, como algumas falhas de vocabulário para as palavras que representam a maldade, a corrupção e as doenças européias.

Swift também demonstra com essa alegoria que qualquer animal é mais capaz de governar um país que os humanos. Os animais não têm as fraquezas e falhas humanas. Que mesmo o mais simples dos animais triunfa nessa tarefa. A espécie humana não tem a capacidade de governar em favor do comum, as particularidades aparecem, desolando toda a população. Gulliver descreve isso aos leitores com precisão ao fazer as comparações com sua terra e toda a Europa. As justaposições dos costumes Huihnhms e os europeus ou os ingleses deixam essas diferenças em evidência, levando o leitor a refletir sobre as grandes ações tomadas pela corte e também ações do dia a dia tomadas pela população.

## Considerações finais

Após a reflexão em separado de cada uma das partes do livro podemos perceber a riqueza de detalhes presente na obra, as referências e os recursos utilizados; o que permite várias leituras diante do texto. Pensando na sátira como crítica social percebemos a atemporalidade do texto, onde as críticas permitem uma reflexão de diferentes contextos e não apenas da época de Swift.

Pensando em estimular a leitura crítica em nossos alunos seria válido um trabalho de reflexão buscando um paralelo sobre a época da formação do Reino Unido e o contexto sócio-histórico atual, buscando mudanças, diferenças e semelhanças. Buscar uma leitura além do texto, procurar por suas referências e raízes para alusões, justaposições e ironias. Refletir também sobre as próprias ferramentas retóricas utilizadas, como elas significam e como são construídas, buscando enriquecer o texto desse aluno e suas referências culturais.

Ao contextualizar o estudo da linguagem em um texto autêntico desafiando os alunos a compreender toda a expressão desse texto, ou utilizar o texto como ponto de partida para o estudo da língua, o processo de ensino-aprendizagem tornar-se-á concreto, pois apresentará um objetivo claro para os alunos, motivando e demonstrando a aplicação prática do aprendizado; assim, frente à leitura de outros textos o caminho já estará traçado.

O texto literário, nesse momento, faz-se completo por ser uma expressão cultural legítima. “Quando se estuda um texto literário, estamos estudando não só a literatura ou a língua, estamos estudando também as manifestações culturais” (GASPARI, 2002, p. 296). Esse estudo de toda a cultura do outro, colabora com o propósito atribuído a educação formal pelas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, que é a de formar cidadãos críticos, capazes de refletir sobre sua situação e sobre o mundo que o cerca (DEC’s, 2006).

Nessa busca pela educação ideal, fica a proposta de um trabalho diferenciado dentro da disciplina de língua inglesa, onde o trabalho com idiomas pode se tornar cada vez mais completo dentro da esfera cultural onde a fala de um povo está inserida. Pois a linguagem é parte define, e também unifica seu povo, logo não seria possível o estudo de uma língua sem uma análise das manifestações de seus falantes, manifestações essas presentes na literatura dessas civilizações.

## Referências

CRAZ, Albert G.; **English Literature II: 1600-1780**, Wichita: Mc Cormick-Mathers vol. 2. Publishing Company, 1967.

COSTA, Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança**. São Paulo: Ática,

1992.

GASPARI, S. . O texto literário em aula de língua estrangeira. In: Meta Elisabeth Zipser; Marta Elisabete Zanatta; Angelita Mendes; Maria José Damiani Costa. (Org.). **Línguas, ensino e ações**. Florianópolis: Nuspple UFSC, 2002, p. 295-299.

KOTHE, Flavio Rene. **O herói**. São Paulo: Ática, 1985.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares estaduais de línguas estrangeiras modernas para a educação básica**. Curitiba: SEED, 2006.

PASOLD, Bernadete. **Utopia x Satire in English Literature**. Florianópolis: UFSC, 1999.

PRIESTLEY, J. B.; SPEAR, J. **Adventures in English literature**. Chicago: Laureate vol. 3. Edition, 1931.

SAMPSON, George; **The concise Cambridge history of English literature**. London: Cambridge University Press, 1970.

SWIFT, Jonathan; **Viagens de Gulliver**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda/ W. M. Jackson inc., 1965.

**Artigo enviado em:** 21/07/2010

**Aceite em:** 15/08/2010